



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**CLAUDIA APARECIDA NUNES DE JESUS**

**BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A RAÇA  
COMO SIGNO DE SUBALTERNIZAÇÃO**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2021**

**CLAUDIA APARECIDA NUNES DE JESUS**

**BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A RAÇA  
COMO SIGNO DE SUBALTERNIZAÇÃO**

Artigo apresentado ao curso de Letras Português/Inglês, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a conclusão da disciplina Trabalho de conclusão de curso II.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amália Vargas Façanha.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2021

# BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A RAÇA COMO SIGNO DE SUBALTERNIZAÇÃO<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise literária do romance *Becos da Memória* da romancista brasileira Conceição Evaristo. Além de aspectos literários da obra, abordaremos como a escritora construiu sua narrativa com uma contextualização sociológica precisa e uma perspectiva de filosofia política que buscamos para interpretar a obra. A pesquisa fez-se por entender *escrevivência* como uma categoria, conceito de escrita que tem na *práxis* sua matéria prima, sua razão de estar ali. Buscamos contextualizar a carga biográfica que Evaristo propõe a seus personagens ao menos aos que enxergamos com mais nitidez. Nossa análise aborda a construção eurocêntrica de nosso conhecimento e como essa tendência de abordagem pode silenciar aquilo que não se assemelhe com o que vem do norte ocidental do mundo - América do Norte e Europa - e como tem-se a tendência de desprestigiar tudo que se refira à vida dos desvalidos, dos descentes e filhos da diáspora africana. Nosso objetivo é analisar este romance dando voz à denúncia de Evaristo sobre as condições sociais às quais muitos brasileiros são cotidianamente submetidos nos guetos e favelas dos Brasil. Buscamos demonstrar como Evaristo quebrou paradigmas na literatura brasileira demonstrando como ainda somos um país sistematicamente racista e como isso compõe parte da identidade do 'ser brasileiro'. A raça como signo de subalternização é o que pretendemos demonstrar do romance de Evaristo.

Palavras chaves: *Escrevivência*, *Becos da Memória*, racismo e subalternização

---

<sup>1</sup> Claudia Aparecida Nunes Jesus, graduanda do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: nclaudia07@gmail.com

## INTRODUÇÃO

*O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas. Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente.*

*Frantz Fanon – Pele Negra Máscaras Brancas*

*Becos da Memória* de Conceição Evaristo é dessas obras com o poder de ler o seu tempo em perspectiva dialética<sup>2</sup>, em sentido marxiano. Para além disso, minha intenção em trabalhar essa obra, sobre esse aspecto, tem o propósito de atender anseios e inquietações que eu própria senti ao ler a obra. A leitura e vivência do seu tempo, feita por Conceição Evaristo, ato que classifica como ‘*escrevivência*’<sup>3</sup>, cumpre o propósito de dar voz a mulheres invisibilizadas por séculos, qual seja, a mulher preta. A *escrevivência* tem por objetivo, fundamentalmente, demonstrar a escrita daquilo que se vive, das possibilidades de inscrição da mulher negra no mundo capitalista e, por extensão, racista. Ler e analisar Evaristo traz a mim sensações e vivências experienciadas em minha trajetória que a escritora tão apropriadamente descreve.

A sensação que tive foi que eu estava sendo descrita pela obra e não o contrário. Memórias são trazidas à tona, de um passado não tão distante, e com uma carga pesada de dor, a cada linha que lia, a cada história contada, em mim despertava tudo que vivi enquanto mulher preta e periférica, quem, sem chance de escolha, sem a presença paterna, era privada de tudo, vivendo sob o mesmo teto de um abusador, tal qual mostrada na narrativa de Evaristo. Posso citar como

---

<sup>2</sup> Hegel reivindica o conceito de contradição, não como sintoma de falsidade, mas como motor do movimento do real isso no campo ideológico. Dialética foi utilizada por Marx, Engels e seus discípulos no mesmo sentido atribuído por Hegel, mas sem o significado idealista que recebera no sistema de Hegel. A discordância de Marx com Hegel relacionado a dialética é que para Hegel dialética é consciência e permanece na consciência. No marxismo isso se realiza na prática ou real.

<sup>3</sup> Termo cunhado por Conceição Evaristo que atravessa toda sua obra como uma categoria que indica método, modo de escrever e ler a vida sob a ótica de mulher preta e com toda a carga que isso representa.

exemplo o personagem Fuinha, que vivia espancando a mulher e a filha. Nas palavras de Evaristo: “[...] Uns diziam que ele era louco outros que era maldoso, perverso, e que nada de louco tinha [...] batia até sangrar [...]” (EVARISTO, 2013, p. 111). Ainda, segundo Evaristo, nessa mesma favela em que há misérias também há grandezas, bem como o amigo e o inimigo, o amor e ódio. E o que fazer então quando o ‘inimigo’ mora na sua casa? Quando a proteção que te devia ser dispensada, vira abuso e violência?

Na obra de Evaristo, Fuizinha, a filha do fuinha, cresce aflita e confusa, em um ambiente hostil e violento, em que sua mãe foi emudecida; sua vida foi ceifada para sempre, morta após ser espancada duramente durante a noite, e apesar de gritar muito, não receber nenhum socorro. Logo após a morte da mulher, Fuinha sentença a vida da filha, queria a menina como sua mulher, cheia de vida e excitante. Ele então a via como propriedade sua que teria que viver sob seu julgo. Ele, o macho; e ela, a mulher feita para apanhar, para gozar, de acordo com Fuinha.

Portanto, a obra me trará um aprendizado, revisitando o meu passado de forma a estender a experiência descrita por Evaristo. Nesse sentido, não posso separar a minha experiência de vida das sensações que a obra despertou em mim. Escrivência é o termo que se conecta muito a propósito dessa empreitada que iniciamos. A literatura cumpre, por meio da estética, uma importante via de transformação social; e, isso me interessa muito nesse processo de pesquisa.

Ao estudar a obra de Evaristo, é possibilitado ao leitor refletir acerca de questões referentes a população negra e aos espaços que são reservados a ela na nossa sociedade, em razão da sua raça. A obra de Evaristo é composta por excluídos sociais, em que é retratada toda tensão que é imposta aos que vivem de forma permanente submetidos à violência. Como forma de denúncia, e em oposição ao que o discurso neoliberal chama de progresso, o qual, segundo os teóricos do neoliberalismo<sup>4</sup>, o problema não está no sistema em si, e sim nas pessoas que nele

---

<sup>4</sup> Pensamos a definição de neoliberalismo que Achille Mbembe descreve: “Defino como neoliberalismo a época em que o capital pretende ditar todas as relações de filiação. Busca se multiplicar em uma série infinita de dívidas estruturalmente insolúveis. Já não há distância entre o fato e a ficção. Capitalismo e animismo se tornam uma coisa só. Em vista disso os riscos sistêmicos aos quais somente os escravos negros foram submetidos na primeira fase do capitalismo representam agora, se não a norma, ao menos a parcela que cabe a todas as humanidades subalternas. Há, portanto, uma tendência a universalização da condição negra. Ela é acompanhada pelo surgimento de práticas imperiais inéditas, uma rebalcanização do mundo a intensificação das ações de zoneamento. Essas práticas constituem, no fundo, um modo de produção de novas subespécies humanas fadadas ao abandono e a indiferença, quando não a destruição”. (Mbembe, 2018, p.4)

operam, a exemplo de: quando pobre não alcança o progresso, é por falta de interesse, esforço – quando isso é dito, não se considera a necessidade material que o “progresso” exige – e o burguês que oprime os subalternizados (os teóricos, reformadores do sistema neoliberal consideram isso um mero erro que se resolve com regulação).

Evaristo, em sua obra, nos traz um panorama da falácia de tal discurso, demonstrando que há um processo histórico cruel de extinção e exclusão de um povo, que sofre até hoje as consequências de um processo quase que forçado de abolição, no qual o escravismo foi se modernizando sempre pelo signo do racismo, de forma a manter esse povo em um espaço de subalternização, como bem demonstra Evaristo em sua obra. A autora nos mostra e desempenha em sua obra a tarefa de tentar derrubar aquilo que limita o pensamento humano quanto às possibilidades de transformação social. Para isso, Evaristo usa a escrevivência como uma importante ferramenta crítica de desalienação. Além disso, a partir da experiência vivida, Evaristo demonstra e incentiva a recondução social do indivíduo enquanto autor da sua própria história.

Como objetivo geral deste trabalho, analisamos a obra de Conceição Evaristo, “Becos da Memória”, sobre a perspectiva da denúncia de subalternização que se opera sobre o signo da raça. Especificamente, devemos: observar a narrativa no que se refere aos contornos sociais; identificar as opressões e buscar as origens em conexão com o texto; discutir o processo de escrevivência de Evaristo e como sua narrativa busca humanizar os subalternizados; elaborar hipóteses que expliquem a narrativa de Evaristo quanto a denúncia social; e, por último, interpretar a narrativa empreendida na obra.

A pesquisa foi feita por meio de leitura criteriosa dos textos escolhidos que selecionamos, minha orientadora e eu. A escolha dos textos seguiu o critério de avaliação daqueles que atenderiam a análise proposta em nosso objetivo. Nesse sentido, um dos paradigmas que utilizaremos é o livro do filósofo Frantz Fanon<sup>5</sup> *Pele*

---

<sup>5</sup> Frantz Omar Fanon foi filósofo, psiquiatra e ensaísta marxista francês da Martinica. Foi um filósofo envolvido com a luta da independência da Argélia, foi membro da Frente de Libertação da Argélia, ele fez de sua vida um laboratório de sua teoria. Destacamos duas obras que nos interessam nessa análise: ‘Pele negra máscaras brancas’ e ‘Os condenados da terra’. Fanon buscou aprofundar a análise dos efeitos do colonialismo e do racismo sobre os povos subalternizados. Um dos maiores especialistas em Fanon, Deivison Mendes Faustino na obra “A disputa em torno de Frantz Fanon – A teoria e a política dos fanonismos contemporâneos” (2020), procurou relacionar a obra fanoniana ao universalismo que ela representa. A obra desse martinicano teve várias recepções, muitas delas contrárias umas às outras, o que gerou disputas em torno da obra de Fanon em momentos diferentes do século XX. Além disso, sua obra chega naquilo que Mbembe classifica como

Negra Máscaras Brancas que nos auxilia entender a construção do sujeito subalternizado, o narcisismo do branco e descendente de europeu.

Outro paradigma importante que nos auxiliou nessa construção foi a tese de doutorado de Maria Aparecida Silva Bento (2002), de título “Pacto Narcísico da Branquitude”. Essa análise sociológica do comportamento de pessoas brancas no trato social é muito importante para entendermos melhor questões de exclusão e privilégios. Principalmente por ter sido a tese escrita por uma mulher branca, com lugar de fala para tratar de privilégios, tivemos uma análise muito precisa disso que Bento intitula pacto narcísico da branquitude.

## **CONCEIÇÃO EVARISTO E BECOS DA MEMÓRIA: A VIDA E A OBRA**

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte no estado de Minas Gerais. Criada em uma família grande, foi a segunda de nove irmãos. Teve a infância e a adolescência marcadas pela miséria, na extinta favela do Pindura Saia, na região centro-sul da capital mineira. Trabalhou como babá e faxineira, concomitantemente cursava os estudos secundários, buscando tornar-se professora, mas quando concluiu o curso normal, não conseguiu emprego em Belo Horizonte. Na década de 1970, migrou para o Rio de Janeiro; lá, graduou-se em Letras pela UFRJ e, finalmente, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. Evaristo torna-se mestra em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011). Em 2006, embora seu livro *Becos da Memória* tenha sido escrito em 1987/1988, só teve sua primeira edição publicada em 2006; e a segunda edição, em 2013, o que nos leva a pensar que a trajetória social do nosso país fez

---

humanismo radical capaz de contemplar toda a humanidade, que expandisse o humanismo eurocêntrico da modernidade filosófica. Os estudos de Fanon tem influência decisiva nos campos dos estudos pós-coloniais, da teoria crítica e do marxismo. Para marxistas Fanon é o filósofo da práxis revolucionária, ele teorizou a revolução a partir da prática quando de sua atuação na luta de libertação da Argélia. Em suas obras *Os condenados da Terra* e *Pele Negra Mascara Branca*, Fanon discute revolução e reconstrução do sujeito desumanizado trazendo discussão da psicanálise para o universo da revolução e da pós revolução.

com que sua obra ficasse engavetada por quase duas décadas, como a própria Evaristo diz: na gaveta do esquecimento.

Alguns estudiosos consideram a obra de Evaristo um romance autobiográfico, e a análise feita da obra a concebe como um romance relativo à memória com caráter ficcional. Ao fazer a leitura de *Becos da Memória*, encontramos, na realidade de Evaristo, personagens como: mãe Joana e tio Totó, que realmente são sua mãe e seu tio; encontramos também narrativas de vidas semelhantes à vida da autora e de seu povo. O fato de morar em uma favela que sofreu um processo de desfavelamento, a personagem Maria Nova que ouvia as histórias para construir as suas, são narrativas desenvolvidas e vividas pela autora bem como é posto por ela:

Mas digo sempre: creio que a gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. Na origem da minha escrita. (Evaristo, 2007, p. 19)

Inspirada na própria Evaristo, entendo que a autora se constrói a partir das determinações históricas que a condicionam, mas podemos afirmar isso com base na compreensão de Friederich Engels e Karl Marx (2010), que entende o que é viver a prática do mundo real. Evaristo vive e escreve o que vive, observa e torna isso conto. Uma mulher que, apesar de viver na academia, escolheu escrever de forma mais realista, do lugar onde foi gerada; o lugar de mulher preta e pobre, que revela sua subjetividade nos seus textos, na tentativa de afastar-se o máximo possível de uma literatura que a venha estereotipar e aos seus iguais. Essa é a vivência que Evaristo quer trazer para a ficção; seus personagens precisam ter a marca da realidade social vivenciada e testemunhada por ela.

Um exemplo disso está em, Maria Nova, que com o olhar atento e ouvido curioso ouve histórias de um passado escravocrata de seus antepassados e observa com olhar diligente a realidade de exclusão. A miséria que a cerca naquele ambiente possibilita que Evaristo dê vida aos seus personagens a partir da sua vida, vivida também em um ambiente de favela, dizendo ser uma mulher nascida de uma tradição oral, pois sua mãe contava histórias para ela e seus irmãos em sua infância. Com isso, sua mãe trouxe a tradição africana por meio dessas histórias; por isso, ela se diz escritora das escrevivências da mãe e também dos “[...] homens,

mulheres, crianças que amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela”. (EVARISTO, 2013 p. 185).

Uma análise profunda da obra de Conceição Evaristo não é feita sem visitar sua vida, pois vida e obra estão magicamente entrelaçadas, tornando-se portadoras de experiências que saem do real para tornar-se ficção. Vemos essa marca de Evaristo ao extrapolar a dimensão da ficção, também muito presente em seu romance *Ponciá Vicêncio*, o qual dialoga com a obra aqui estudada *Becos da Memória*, quando ela diz:

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con (fusão) já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se fosse a moça, ou como se a moça fosse eu. (EVARISTO, 2017, p. 7-8).

Em sua obra *Becos da Memória*, Evaristo deixa claro que foi sua primeira experiência na construção de um texto de ficção, mas com muito do real, destacando que nada do que está escrito é verdade e nada do que está escrito é mentira. Esse trânsito pelas experiências que busca construir a ficção está declarado na seguinte afirmação:

De tudo o que eu escrevi Maria Nova é a personagem que mais se aproxima de mim, isso é inegável. Pois a menina narra toda a vivência dela na favela e um dia ela descobre que ela vai ser escritora, que será através da escrita que ela vai dar voz a coletividade onde ela nasceu e se criou” (EVARISTO, 2017).

A experiência de ler *Becos da Memória*, para quem tem familiaridade com a realidade descrita pela romancista, é reveladora e libertadora. Digo que é reveladora porque posso encontrar na experiência descrita muito de minha vivência, e entender que muitos dos meus já viveram sob o mesmo signo de opressão e exclusão. É libertadora porque demonstra a opressão e suas origens, quem as perpetra, quais os métodos que se utiliza e que geralmente busca desumanizar para seguir dominando, ver esse aspecto da opressão possibilita libertação.

## A NARRATIVA DE EVARISTO EM BECOS DA MEMÓRIA E A INVISIBILIDADE DO POVO DA FAVELA

Analisando os planos narrativos de *Becos da Memória*, temos uma importante imbricação. Tal como sugere Massaud Moisés (2016), o plano extrínseco no qual correspondem: "[...] as relações da obra com o contexto social, a biografia do escritor, a história literária etc.. [...] diz respeito à linguagem, o diálogo, a descrição, a narração a descrição a técnica da estruturação dos capítulos, da caracterização das personagens, etc." (MOISÉS, 2016, p, 280.). O plano intrínseco, por sua vez, correspondente a "aspectos que se manifestam ou se camuflam nos ingredientes extrínsecos e formais: os temas implícitos no romance, os motivos condutores, a cosmovisão impressa na obra, os problemas psicológicos, filosóficos, a ideologia etc. Em suma: ideias, temas e problemas". (Moisés, 2016, p. 280). Nota-se, então, a presença de ambos os planos empreendidos na narrativa de Evaristo, como não poderia deixar de ser.

Primeiramente, vou tratar do plano extrínseco presente em *Becos da Memória*, ao destacar a vida da autora e o contexto social onde vivia: a favela. Entende-se, então, a favela como um plano extrínseco, pois ao narrar a obra através do seu personagem Maria-Nova, Evaristo relata processos históricos e traumáticos que os africanos e seus descendentes passaram no Brasil. A autora, por meio da narradora Maria Nova, torna-se porta voz das alegrias e sofrimentos de todos que ali viviam, ao percorrer uma rotina de marginalização e escassez. Essa narrativa assemelha-se muito ao contexto social das periferias e aos espaços excludentes no Brasil que, em sua maioria, são ocupados pela população negra. Na tentativa de fazer ecoar a voz desse povo, a literatura, como é posta pela própria Evaristo, por meio da escrita tem a função de acordar os habitantes da casa grande, despertando-os de seu sono injusto.

Já no plano intrínseco, podemos perceber a continuação do plano extrínseco de maneira mais profunda. O tema implícito expresso na obra se manifesta na crítica feita ao projeto político do país; um projeto que mantém a classe dominante no poder, uma ideologia que desumaniza e inferioriza as populações não brancas, criminaliza as culturas, demoniza as religiões de tais populações. Destaque-se, também, o modo como se exclui e a "guetização" da população negra. A perspectiva apresentada por Evaristo vai de encontro com o discurso dominante e contra o mito

da democracia racial brasileira, além de fazer frente à história política que impossibilita a existência de uma análise sócio-histórica negra no país. Ao compor uma narrativa entrelaçada por vozes afrodescendentes de várias gerações Evaristo encena as origens e as consequências da desigualdade.

Na obra em análise, Evaristo relata a invisibilidade, o não pertencimento a uma sociedade com padrões fenotípicos, estéticos e ideológicos que cumprem um propósito de hegemonia de descendentes de europeus – ou todos que fujam do fenótipo de africano. Além disso, a constante sensação de não participar da lógica de consumo, por falta de condições financeiras que historicamente acompanha essa camada da sociedade subalternizada. Nesse sentido, a cor da pele é um elemento que determina os personagens da autora.

Com olhar para a contemporaneidade podemos observar, também na obra de Evaristo, um passado colonial que fez com que pessoas, descendentes de escravos fossem inferiorizadas. Sob o mito da democracia racial, se propagava a falsa ideia de miscigenação democratizante, mas o que havia na verdade era o pavor do branco em ser comparado ao negro. Diante de tantas impossibilidades para sua sobrevivência, e sob a condição de descendentes de escravos, sem emprego, casa e perspectivas; a população negra migrou para os quartos de despejos deste país – que podemos intitular cruamente como favelas – estreitando ainda mais a relação senzala e favela.

Com o fim da escravização, uma cultura de segregação e morte foi imposta à população negra, o que chamamos hoje de racismo é fruto de um passado colonial escravocrata imposto à um determinado grupo de pessoas em razão da sua cor. Portanto, não houve um processo de erradicação do sofrimento e liberdade desse povo, o que houve foi a modernização de um passado escravista de um país que ainda não superou o fato de não ter um negro de estimação, uma senzala particular em seu quintal.

Na mesma perspectiva de Evaristo temos uma escritora pioneira no que diz respeito à esta temática: Carolina Maria de Jesus. Com uma narrativa que podemos usar como paradigma, a escrita de Carolina influenciou leitores, incluindo aqui Evaristo, a quebrar a lógica do silêncio imposto ao povo que habita as periferias deste país. Jesus (2001) em sua obra quarto do despejo, descreve sua dor, sofrimento, fome, angústias, bem como a dor do seu povo, e mudanças pelas quais passaram os moradores da favela a qual ela fazia parte, onde perderam seu

carácter de moradia gratuita a propriedades privadas para rendas. Jesus demonstrou na sua construção literária o cotidiano daqueles que vivem à margem da cidade, na úlcera do mundo como é dito por ela, a autora no entanto, via na escrita uma forma de sair da invisibilidade social em que se encontrava.

Nesta acepção, a narrativa construída pela autora é direta e por meio dela demonstra-se de que maneira se organiza a prática social urbana, vista por aqueles que foram guetizados, deixados à margem, destituídos dos meios suficientes para uma vida digna. A favela é vista por Carolina Maria de Jesus como um local angustiante e indiferente aos olhos da sociedade como ela mesma diz: “Cheguei ao inferno. Devo-me incluir-me, porque eu também sou da favela. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, 2005, p.33).

Na narrativa de Evaristo, podemos também ver bem a realidade de exclusão e morte desse grupo subalternizado da sociedade. De maneira ainda mais clara podemos notar quando um dos seus personagens vira testemunha de mais uma morte das muitas que o Coronel produzia impunemente, pois os corpos que ali viviam eram corpos matáveis e ainda hoje são. O coronel dizimava aos poucos a família dos Zicas pois queria ocupar suas terras, tornando natural o hábito de ceifar aquelas vidas que impediam o crescimento de suas terras. “[...] Terras tão boas, tão vizinhas da fazenda! O que custava aquela negrada vender as terras e desocupar o beco?” (EVARISTO, p. 57, 2013).

Ao trazer para os dias atuais, podemos ter a noção de como a política de morte, descaso e impunidade ainda opera quando o alvo são corpos negros. Há um caso recente e muito emblemático de três meninos que desapareceram no domingo 27 de dezembro de 2020 depois que saíram para brincar em Belford Roxo, na Baixada Fluminense e até hoje o caso encontra-se sem solução. Dentro dessa lógica faz-se importante algumas reflexões acerca do caso e de tantos outros em que os corpos alvos de desaparecimento e da bala perdida é sempre corpos negros: caso esses meninos fossem brancos e moradores da zona sul da cidade esse caso ainda estaria sem solução? Será que investigar crime cujo a vítima é negra e pobre é mais difícil? Haveria uma maior comoção das mídias e da opinião social e pública caso os corpos desaparecidos fossem brancos? Números mostram traços do racismo estrutural na segurança pública.

Em sua obra *Pequeno Manual Antirracista*, a filósofa Djamila Ribeiro pontua que é preciso lembrar que a vítima preferencial tem pele negra:

O Atlas da violência de 2018, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelou que a população negra está mais exposta à violência no Brasil. Os negros representam 55,8% da população brasileira e são 71,5% das pessoas assassinadas. Entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de indivíduos não negros (brancos, amarelos e indígenas) diminuiu 6,8%, enquanto no mesmo período a taxa de homicídios da população negra aumentou 23,1%. Segundo dados da Anistia Internacional, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, o que evidencia que está em curso o genocídio da população negra, sobretudo jovens. (RIBEIRO, 2019, p. 93-94).

Assim como o caso de Belfort Roxo, *Becos da Memória* denuncia a lógica macabra de eliminação dos corpos negros e esta prática segue uma lógica sistêmica em todas as democracias liberais, sobre isso o professor Silvio Almeida diz que:

A concepção institucional significou um importante avanço no que concerne ao estudo das relações raciais. Sob essa perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica, que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça. [...] (ALMEIDA, 2019, p.37-38).

Portanto, essa concepção institucional do racismo está presente nas relações sociais, aliás, o racismo é fruto dessas relações e estrutura as democracias liberais. Evaristo, por meio de sua narrativa, percebe essa dinâmica e a reproduz na vida de seus personagens.

## **EVARISTO E A DENÚNCIA DA SUBALTERNIZAÇÃO**

A subalternização que se opera sobre o signo da raça, discutida por Evaristo, retrata processos históricos dolorosos para a população negra, conectando a relação da senzala com a favela para onde migrou a população negra com o processo abolicionista. Esta população se viu diante de tantas possibilidades para sua sobrevivência como vemos em *Becos da Memória*. Sendo assim, a narrativa estudada tem o compromisso com a reconstrução desse sujeito racializado, pois procura ultrapassar as fronteiras da práxis hegemônica que se opera até nossos

dias, como bem discutiu Bento (2002) em sua tese. “Giroux (1997) propõe que se ressignifique a identidade, enveredando no sentido de compreender que raça, enquanto história e língua, é constitutiva de identidade”. (Bento, 2002, p.163). A intenção que percebo é de mostrar outra possibilidade de construção histórica.

Portanto, temos narrativas que abordam aspectos até então pouco explorados nos textos literários, ensinando e humanizando a existência e resistência de pessoas historicamente marginalizadas fazendo com que a literatura cumpra um de seus mais importantes papéis: provocar mudanças; partindo de uma estrutura estética muito bem engendrada. Nesse sentido, faremos a comparação teórica da abordagem narrativa com a “Sociologia do Negro Brasileiro”, de Clovis Moura. Neste livro, temos uma análise sociológica que demonstra que o estudo sobre o negro pode refletir a estrutura da sociedade Brasileira. Autor de extrema relevância quando se estuda a questão racial no Brasil, Clovis Moura inicia o livro fazendo um panorama dos estudos do negro no Brasil: “Os estudos sobre o negro brasileiro, nos seus diversos aspectos, têm sido mediados por preconceitos acadêmicos, de um lado comprometidos com a pretensa imparcialidade científica, e, do outro, por uma ideologia racista racionalizada [...]” (MOURA, 1988, p.17).

Outro intelectual que nos auxiliou a entender a narrativa feita por Evaristo, em “Becos da Memória”, foi o livro “Racismo Estrutural”, de Silvio Almeida. Segundo o próprio Almeida-“Trata-se, sobretudo, de um livro de teoria social. Neste sentido, há duas teses a destacar: uma é a de que a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e de racismo.” (Almeida, 2019, p.20). A importância deste suporte teórico auxiliou muito na análise da narrativa e das situações que Evaristo demonstra no livro que analisamos, sobre as perspectivas propostas em nosso estudo.

Analisar a narrativa e o mundo, pela visão de uma mulher que sentiu na pele a exclusão, a exploração e a desumanização é desafiador, à medida que a narrativa me toca. Uma fusão de alegrias, impotência, afetos e indignação acometem os leitores que, com a percepção sensível, conseguem ler e interpretar a obra, e para além disso, àqueles que, no decorrer da narrativa, em diversos pontos, veem suas histórias e memórias ali tão bem representadas. Vale ressaltar, no entanto, que ler a obra de Evaristo pode causar diferentes impressões e emoções dependendo do lugar que o sujeito parte e a classe que ocupa na sociedade.

Romper com a lógica ocidental e hegemônica requer algum esforço. É preciso entender que o eurocentrismo ocidental desumanizou todos os outros povos não europeus. Portanto, para que algo possa ser considerado positivo deve parecer ocidental, branco, que se origine na Europa. Muitas vezes as obras voltadas para África, que conta a história de um povo que não tenha o europeu como centro, não tem valor de conhecimento, sendo invalidada e descredibilizada pela hegemonia dos discursos considerados oficiais. As considerações que faço em relação à obra me tocam particularmente por trazerem conceitos que partem da minha própria realidade, qual seja, de mulher preta e moradora de favela, pois, sob essa perspectiva, em cada personagem da obra, vejo-me ali representada, seja em razão do gênero, raça ou classe.

Essa humanidade subalternizada que toca nosso imaginário, como nos convida a narrativa proposta por Evaristo, ensina como opera a leveza de uma escritora que se volta a narrar a vida de pessoas que sobrevivem e resistem. Evaristo, com todo seu engenho e lucidez, de forma poética, faz uma denúncia social por meio da memória individual e coletiva de um cotidiano opressor em que memórias são elevadas a categoria de história como forma de denúncia resistência e construção de identidade. Nesse tópico, buscaremos analisar como Evaristo demonstra a subalternização, de que forma ela nos atualiza da vida dos desvalidos, especialmente as mulheres negras, com o detalhamento de uma observadora atenta.

Ao narrar *Becos da memória*, Evaristo mostra como se dá esse processo de subalternização que traz em alguns de seus personagens, tratando de questões delicadas para a literatura brasileira; como, por exemplo, questões de gênero, raça e classe. A profundidade com que estes temas são abordados, o embasamento teórico que é construída essa narrativa, talvez, seja algo inédito na literatura brasileira, dado o tema que a autora se propõe narrar. Com o intuito de colocar no centro questões como essas, Evaristo traz na sua obra reflexões acerca dos indivíduos que vivem à margem da sociedade. As mulheres negras também são alvo da atenção da autora naquele ambiente e circunstâncias às quais eram submetidas.

As mulheres negras marginalizadas da obra de Evaristo, a exemplo das lavadeiras, levam consigo uma vida de dor e luta pela sua sobrevivência e a sobrevivência de seus pares. Maiorias nas periferias, a mulher negra pobre está,

muitas vezes, sozinha na missão de chefiar a casa e educar os filhos. Ao mencioná-las em sua obra, Evaristo faz um panorama de qual e lugar as mulheres negras ocupam na sociedade que, desde o período colonial e escravocrata, e em razão da sua raça e gênero sofrem com a desigualdade, ao sentir na pele a modernização da escravidão que as empurra e mantém em um ambiente violento e de extrema pobreza.

Em razão da raça e gênero, as mulheres negras são duplamente desumanizadas e subalternizadas. Existe também a visão de que elas são fortes e autossuficientes, não sendo consideradas "mulher para casar" ; ou seja, um sujeito que não é digno de ser amado. Segundo Spivak (2010) a questão é, na verdade, que como objeto da historiografia colonial e como sujeito da insurreição, a construção ideológica de gênero mantém o masculino no poder. Se no contexto da produção colonial o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o subalterno como feminino está ainda mais envolto em sombras. (SPIVAK, 2010, p. 82).

Ao citar personagens como Filó Gazogênia, temos um primeiro exemplo dessa subalternização, exclusão e solidão da mulher preta. Filó Gazogênia, após contagiar a filha e a neta com tuberculose, morre sozinha, tendo como única companhia, o Bondade.

O sangue escorria pela boca de Filó Gazogênia e o peito arfava ... Deus meu não quero ir assim, tão sozinha! Como estaria a filha e a neta? Filó Gazogênia, ameaçou abrir os olhos. Pensou, entretanto, que seria melhor continuar com eles fechados. Abrir os olhos para quê? Ela já conhecia de cor o seu barraco [...] (EVARISTO, 2006, p. 107).

A personagem representa uma dentre muitas lavadeiras, mulheres negras, que encontram no trabalho doméstico um meio de sobrevivência e sustento da sua família; como vemos também nas personagens da Maria velha, mulher de tio Totó, e mãe Joana sua irmã, os quais viviam sob o mesmo teto. Essas condições, segundo a narrativa, têm implicações que se originam da condição social que forma os sujeitos no contexto histórico e material em que estão inseridos. Por isso podemos dizer que esta é uma análise materialista histórica.

Quando analisamos a situação social dos personagens, vemos as implicações que elas trazem para a convivência cotidiana. Por exemplo, Tio Totó já carregava consigo a dor de perder os filhos e sua primeira mulher, no deslocamento do campo para a cidade. Enquanto ele se desesperava com o fato de ser despejado

da favela, Maria Velha, sua atual mulher, na tentativa de não perdê-lo para o sofrimento e desespero mantinha-se confiante. Nesta passagem, podemos observar a necessidade de Maria Velha e Mãe Joana adequarem a ação para manutenção da força e resistência que deveriam manter diante daquela situação. Trazendo para vida real, percebemos que isso ocorre em cada favela brasileira, mulheres pretas são sustentáculos psicossocial desses humanos subalternizados.

Maria velha e mãe Joana demonstravam uma confiança que não tinha naquele momento. Era preciso não amargurar mais Tio Totó. Mãe Joana não queria amargurar os filhos. Elas sabiam, porém, que as dificuldades seriam redobradas. Como manteriam a freguesia? Mudar a forma de trabalho? [...] “Quem cuidaria de Tio Totó e das crianças? Havia o medo do desconhecido, os bichos. Havia o enorme desamparo. (EVARISTO,2013, p. 174).

Agarrada a uma esperança inexistente, Maria Velha e sua irmã Maria Joana buscavam equilíbrio para prosseguir em meio a tantos boicotes para sua sobrevivência e a sobrevivência dos seus. Apesar da família de Maria Nova já ter para onde ir, pois " logo que começou o processo de desfavelamento, Maria velha e Mãe Joana começaram a comprar um lote lá onde Deus tinha pensado iniciar o mundo..." (EVARISTO, 2013, p. 172), havia em seus semblantes a preocupação de como fariam agora para levar comida para casa; e de como, então, seus filhos iriam frequentar a escola, uma vez que estariam distantes das casas das patroas para as quais elas lavavam e passavam. Somado a isso, preocupavam-se sobre como fariam então para levar e trazer as roupas que antes eram tão próximas a sua casa, devido à proximidade espacial dos barracos das mansões.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise metodológica que empreendemos da obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo teve um recorte literário, sociológico e filosófico que podemos encontrar nessa obra. O recorte literário de nossa análise pode concluir que *Becos da Memória* tem em sua narrativa extrínseca uma valorização muito acertada do contexto social, que ela própria viveu. Em seu aspecto sociológico, o romance busca fundamentar, conforme nossa análise, a relação histórica que Evaristo empreende. Podemos dizer que é, sem dúvida, uma representação precisa de como podemos,

com a leitura do romance, contextualizar nossa situação social quando o tema é a questão racial. Quanto aos aspectos filosóficos, nossa abordagem buscou contextualizar a obra sobre a perspectiva do materialismo histórico e dialético, tema de filosofia política que auxilia a interpretação da obra.

Evaristo da voz ao subalterno que encara a situação social que vive. Não se trata de uma narrativa condescendente, piegas, que busca divinizar romanticamente o subalternizado. Trata-se de uma narrativa que dá voz a eles enquanto sujeitos da história, enquanto construtores de seus destinos frente às condições materiais que dispõe. A não romantização dos personagens e realismo que Evaristo empreende em sua obra é algo que posso destacar nesta análise e que procurei abordar ao longo da pesquisa. É um romance construído com a intenção de demonstrar o Brasil que muitos não querem ver, seja por estar confortável em sua posição, seja por tentar evitar a dor.

Talvez, minhas considerações finais tragam um pouco das análises subjetivas e marcas que trago comigo. Para mim, isso não pode ser classificado no campo da personalidade antiacadêmica porque, definitivamente, não é disso que se trata. Afinal, para que serve a academia se não for para auxiliar, no campo das humanidades, essa análise subjetiva? De que outro modo eu poderia descrever com análise tão pormenorizada, tão detida, obra dessa importante escritora brasileira? Não é sem propósito que Evaristo remete a subjetividade e suscita a análise em mulheres pretas que foram subalternizadas a vida inteira, que viveram por anos sobre o signo da opressão. Aproveito para agradecer a minha orientadora Prof. Dr Amália Vargas Façanha pela dedicação, disposição e incentivo ao meu projeto de pesquisa; a Universidade Federal de Sergipe pela elevada qualidade de ensino e a todos os professores que contribuíram de maneira fundamental para construção do conhecimento; ao meu esposo Daniel Christian pelo apoio e incentivo necessários que fizeram toda diferença nesse momento; e a minha irmã Lívia pelo suporte e encorajamento durante o processo de graduação.

Por fim, destaco a importância que foi para mim enquanto mulher preta e periférica a leitura dessa importante escritora. No sentido de entender o projeto político empreendido no nosso país desde da escravização até os dias atuais, como meio também de valorização da memória ancestral, fortalecimento dos nossos e reversão da situação de submissão.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, Sílvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019
- BENTO, M. A. S. Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo, 2002. – 169p. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 2010.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”, in Marcos Antonio Alexandre (org), *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007, pp. 16-21.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2005.
- MARIGOLO, Catia Cristina Bocaiúva. *Ponciá Vicencio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: Construindo histórias por meio de retalhos de memória*. Dissertação Mestrado – UNESP, SP, 2014.
- MBEMBE, Achille. *O Fardo da Raça: Entrevista com Achille Mbembe a Arlette Fargeau e a Catherine Portevin da Philosophie Magazine*. São Paulo: N-1, 2018.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: Editora N-1, 2018.

MOISÉS, Massaud. A criação literária Prosa I. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOURA, Clovis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Editora Ática, 1988.

OLIVEIRA, Margaret de. Narrativas de favela e identidades negras: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Dissertação Mestrado – UFMG, MG, 2015.

RIBEIRO, Patricia. O papel de intelectual de Conceição Evaristo e Dione Brand. In: Scripta, v. 18, n. 35, p. 143-164, 2º sem. Belo Horizonte Ed PUC Minas, 2014.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TVBRASIL. Escritora é convidada do estação plural. Youtube, 12 de junho de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>>. Acesso em 17 de julho de 2021